

MARK TWAIN

JOANA D'ARC

Tradução de
Francisco Silva Pereira

Prefácio do autor

Para chegarmos a uma justa avaliação do caráter de um homem de renome, é preciso julgá-lo segundo os valores do seu tempo, e não consoante os nossos. Analisadas pelos padrões de um século, as personagens mais nobres de outro, anterior, perdem muito do brilho; avaliado pelos padrões de hoje, não existe provavelmente um homem ilustre de há quatro ou cinco séculos cujo caráter pudesse, em todos os aspetos, passar no teste. Mas a personagem de Joana d'Arc é única. Pode ser avaliada pelos padrões de todos os tempos sem receio ou apreensão quanto ao resultado. Julgada segundo qualquer um deles, continua irrepreensível, de uma perfeição ideal; continua a ocupar o lugar mais alto possível em termos de realização humana, mais elevado do que o alcançado por qualquer outro simples mortal.

Quando refletimos que o seu século foi o mais brutal, o mais perverso, o mais podre da história desde as eras mais negras, perdemos de admiração perante o milagre deste produto de tal solo. O contraste entre Joana e o seu século corresponde à diferença entre o dia e a noite. Ela foi sincera quando mentir era o falar comum dos homens; foi honesta quando a honestidade se tornara uma virtude perdida; cumpriu as promessas quando estas não eram esperadas de ninguém; entregou a sua grande mente a grandes pensamentos e grandes propósitos quando outras grandes mentes se desperdiçavam em bonitas fantasias ou em fracas ambições; foi modesta, correta e delicada quando ser ruidoso e grosseiro eram as características reinantes; mostrou-se compassiva quando uma crueldade impiedosa se tornava a regra; foi firme quando se desconhecia a estabilidade, e honrada num tempo que esquecera a honra; foi um rochedo de convicções numa época em que os homens

não acreditavam em nada e zombavam de tudo; foi infalivelmente verdadeira num período falso até ao âmagô; manteve a dignidade pessoal inalterada numa altura de bajulação e servilismo; foi de uma coragem destemida quando a esperança e a coragem haviam perecido nos corações da sua nação; foi imaculadamente pura de mente e de corpo quando nos lugares mais elevados a sociedade era imunda – foi tudo isto quando o crime era o mester de senhores e de príncipes, e as personagens mais elevadas da cristandade conseguiram surpreender essa época já de si infame e deixá-la horrorizada com o espetáculo das vidas atrozes que levavam, enegrecidas por inimagináveis traições, matanças e bestialidades.

Ela foi talvez a única pessoa totalmente altruísta cujo nome tem lugar na história profana. Nenhum vestígio, ou sugestão de egoísmo, pode ser encontrado em qualquer das suas palavras ou ações. Quando resgatou o seu rei de uma vida dissoluta e lhe colocou a coroa na cabeça, recebeu recompensas e honras, mas recusou todas elas. Tudo o que estava disposta a aceitar – se o rei lho permitisse – era que a deixassem partir e regressar a casa, à sua aldeia, cuidar novamente das ovelhas, sentir os braços da mãe à volta e viver para a servir e ajudar. O egoísmo desta imaculada general de exércitos vitoriosos, companheira de príncipes e ídolo de uma nação grata que a aplaudia, não foi além disto.

A obra de Joana d’Arc pode razoavelmente ser considerada à altura de qualquer outra de que há registo histórico, se tivermos em conta os obstáculos com que se deparou e os meios que tinha ao seu dispor. César levou longe as suas conquistas, mas fê-lo com os veteranos treinados e confiantes de Roma, e era ele próprio um soldado treinado; Napoleão varreu diante de si os disciplinados exércitos da Europa, mas também ele era um soldado treinado, e começou a sua obra com batalhões de patriotas inflamados e inspirados pelo novo e milagroso sopro de liberdade com que a revolução os bafejara – jovens aprendizes ansiosos desse esplêndido ofício da guerra, não homens de armas velhos e quebrantados, desesperados sobreviventes de monótonas derrotas acumuladas ao longo de toda uma vida; mas Joana d’Arc, uma mera criança, ignorante, iletrada, uma pobre aldeã desconhecida e sem influência, encontrou uma grande nação acorrentada, indefesa e sem esperança sob domínio alheio, o Tesouro falido, os soldados desalentados e dispersos, o espírito entorpecido, a coragem morta no coração

do povo graças a longos anos de ultraje e de opressão estrangeira e interna, o seu rei intimidado, resignado ao destino e preparando-se para abandonar o país; e ela pousou a mão sobre esta nação, este cadáver, que se ergueu e a seguiu. Levou-a de vitória em vitória, inverteu a maré da Guerra dos Cem Anos, estropiou fatalmente o poder inglês e morreu com o merecido título de «LIBERTADORA DA FRANÇA», que ainda detém.

Como recompensa, o rei de França, que ela coroara, deixou-se ficar indiferente, enquanto os padres franceses levavam a nobre criança, a mais inocente, a mais adorável de todas as eras, e a queimavam viva na fogueira.

Uma peculiaridade da história de Joana d'Arc

Os pormenores da vida de Joana d'Arc dão forma a uma biografia que é única entre as biografias do mundo num aspeto: é a única história de uma vida humana que nos chega sob juramento, a única que nos vem do banco das testemunhas. Os registos oficiais do grande julgamento de 1431, e do processo de reabilitação que se lhe seguiu um quarto de século depois, ainda se encontram preservados nos Arquivos Nacionais de França, e apresentam-nos com notável abundância os factos da sua vida. Nenhuma história de outra vida dessa época distante é conhecida com a certeza ou a abrangência associadas à dela.

O Senhor Louis de Conte é fiel à história oficial de Joana nas suas *Recordações Pessoais*, e até agora a sua fiabilidade é irrepreensível; todavia, os pormenores por ele acrescentados apenas podem depender da credibilidade que o leitor pretender atribuir à sua palavra.

O AUTOR

Do Senhor Louis de Conte

PARA OS SEUS SOBRINHOS-TRINETOS
E SUAS SOBRINHAS-TRINETAS

Corre o ano de 1492. Tenho oitenta e dois anos. As coisas que vou contar-vos vi-as eu próprio quando criança e também em jovem.

Em todos os contos, canções e histórias de Joana d’Arc, que vós e o resto do mundo ledes, cantais e estudais nos livros criados com a recente arte da impressão, eu sou mencionado, o Senhor Louis de Conte – fui seu pajem e secretário, estive com ela desde o começo até ao fim.

Fui criado na mesma aldeia com ela. Brinquei com ela todos os dias, quando éramos crianças, assim como vós brincais com os vossos amigos. Agora que percebemos quão grande ela foi, agora que o seu nome preenche todo o mundo, parece estranho que aquilo que vos digo seja verdade; é como se uma vela insignificante falasse do sol eterno que cavalga no céu e dissesse: «Foi meu companheiro de casa e de confidências quando ambos éramos velas.» E, todavia, é esta a verdade, tal como vos digo. Fui seu companheiro de brincadeiras e lutei a seu lado nas guerras; ainda hoje tenho em mente, clara e bem definida, a imagem daquela figura querida, com o peito vergado sobre o pescoço do seu cavalo, investindo à frente dos exércitos de França, o seu cabelo solto, a cota de malha prateada embrenhando-se firme e cada vez mais fundo em plena batalha, por vezes quase desaparecendo entre as cabeças dos cavalos, os escudos, os braços de espada erguida, as plumas agitadas pelo vento. Estive com ela até ao fim, e quando aquele dia negro chegou – cuja sombra acusadora para sempre pesará na memória desses escravos franceses de Inglaterra que, com as suas mitras, foram os seus assassinos,

bem como na de França que nada fez nem tentou para a salvar –, a minha mão foi a última que ela tocou em vida.

À medida que os anos e as décadas passaram, e que foi recuando cada vez mais a imagem do voo meteórico dessa maravilhosa criança através do firmamento bélico francês e da sua extinção nas nuvens de fumo da fogueira, tornando-se ainda mais estranha e maravilhosa e divina e triste, consegui compreendê-la e reconhecê-la finalmente pelo que ela foi – a vida mais nobre alguma vez nascida neste mundo, com a exceção de apenas Uma.

LIVRO PRIMEIRO

Em Domrémy

Capítulo Um

QUANDO OS LOBOS CORRIAM LIVRES EM PARIS

Eu, o Senhor Louis de Conte, nasci em Neufchâteau, no dia 6 de janeiro de 1410; ou seja, exatamente dois anos antes de Joana d’Arc nascer em Domrémy. A minha família tinha fugido para aquelas regiões distantes nos arredores de Paris nos primeiros anos do século. Na política, os meus parentes eram *armagnacs* – patriotas; eram pelo nosso rei francês, louco e impotente que ele era. A facção dos Borgonha, adepta dos ingleses, deixara-os sem nada. Levaram-lhes tudo menos a pequena nobreza de meu pai, que, quando chegou a Neufchâteau, estava pobre e de ânimo quebrado. Mas a atmosfera política que ali reinava agradou-lhe, e isso sempre era alguma coisa. Ele encontrou uma região de relativa tranquilidade; deixou para trás outra, povoada por fúrias, loucos, demónios, onde a matança era um passatempo diário e a vida não estava segura por um instante que fosse. Em Paris, multidões troavam todas as noites pelas ruas – saqueavam, queimavam, matavam, sem quem as incomodasse, quem as detivesse. O sol erguia-se sobre casas destruídas e fumegantes, e sobre cadáveres mutilados que jaziam aqui, acolá e além nas ruas, tal como haviam tombado e sido despidos pelos ladrões, esses profanadores imundos que seguiam a turba. Ninguém tinha coragem para juntar aqueles mortos e dar-lhes um enterro – eram ali deixados, para apodrecer e criar pragas.

E as pragas que eles criaram. As epidemias varriam as gentes como moscas, e os enterros eram feitos à noite e em segredo, porque os funerais públicos não eram permitidos, para que a revelação da magnitude da praga não desmoralizasse o povo e o mergulhasse no desespero. Chegou então, finalmente, o inverno mais amargo que a França

conheceu em quinhentos anos. Fome, pestilência, assassínio, gelo, neve – Paris teve tudo isto de uma só vez. Os mortos jaziam amontoados pelas ruas e os lobos entravam na cidade em pleno dia e devoravam-nos.

Ah, a França caíra – tão baixo! Há mais de três quartos de século que as presas inglesas estavam cravadas na sua carne, e os seus exércitos tinham sido de tal forma intimidados por contínuas derrotas que era dito e aceite que a mera visão de um exército inglês era o bastante para colocar um exército francês em fuga.

Quando eu tinha cinco anos, o prodigioso desastre de Agincourt abateu-se sobre a França, e embora tenha ido para casa desfrutar a sua glória, o rei inglês deixou o país prostrado, uma presa de bandos errantes de Companheiros Livres ao serviço da facção de Borgonha. Um desses bandos atacou Neufchâteau certa noite e, à luz do nosso telhado em chamas, vi todos os que me eram queridos neste mundo (exceto um irmão mais velho, vosso antepassado, que ficara na corte) serem massacrados enquanto imploravam por misericórdia, e ouvi aqueles carneiros rirem-se das suas preces e imitarem as suas súplicas. Passei despercebido e escapei ileso. Quando os selvagens se foram, saí e chorei toda a noite perante a visão das casas em chamas. Estava sozinho, a não ser pela companhia dos mortos e dos feridos, visto que os restantes tinham fugido a esconder-se.

Fui enviado para o padre de Domrémy, cuja governanta se tornou uma mãe dedicada para mim. O padre, com o passar do tempo, ensinou-me a ler e a escrever, e ele e eu éramos as únicas pessoas na aldeia que o sabiam fazer.

Quando a casa deste bom padre, Guillaume Fronte, se tornou a minha também, eu tinha seis anos. Vivíamos perto da igreja da aldeia e a pequena horta dos pais de Joana ficava atrás da igreja. Esta família era constituída por Jacques d'Arc, o pai, e pela sua mulher, Isabel Romée; por três filhos varões – Jacques, de dez anos, Pierre, de oito, e Jean, de sete; por Joana, de quatro, e pela sua irmãzinha Catherine, então com cerca de um ano. Estes cinco pequenos foram meus companheiros de brincadeira desde o começo. Tinha outros, em especial quatro rapazes: Pierre Morel, Étienne Roze, Noël Rainguesson e Edmond Aubrey, cujo pai era o *maire* naquela altura; e também duas raparigas, da idade de Joana, que com o tempo se tornaram as suas

favoritas: uma chamava-se Haumette, à outra chamavam-lhe Mengette. Eram crianças camponesas comuns, como a própria Joana. Quando cresceram, ambas se casaram com simples homens do campo. Eram gente bastante humilde; porém, muitos anos depois, chegaria um tempo em que nenhum estranho de passagem, por mais importante que fosse, deixaria de prestar reverência àquelas duas humildes anciãs que na sua juventude haviam sido honradas com a amizade de Joana d'Arc.

Todas aquelas crianças eram boa gente, do simples tipo camponês; não eram luminárias, é claro – não seria de esperar –, mas tinham bom coração e eram amistosas, obedientes aos pais e ao padre, e ao crescer foram adquirindo as devidas vistas curtas e preconceitos que lhes vinham dos pais, e adotaram-nos sem reservas, e também sem qualquer hesitação – o que é óbvio. A sua religião era herdada e o mesmo se podia dizer da política. Jan Hus e os da sua laia podem encontrar defeitos na Igreja, mas em Domrémy esta não perturbava a fé de ninguém; e aquando do Cisma, quando eu tinha catorze anos e tivemos três papas ao mesmo tempo, ninguém pensou como escolher entre eles – o papa de Roma era o que estava certo, um papa fora de Roma não o era, tão simples quanto isso. Todas as criaturas na aldeia eram *armagnacs* – patriotas – e se nós, crianças, não tínhamos nenhum ódio no mundo, odiávamos certamente o nome e a política dos ingleses e borgonheses.

Capítulo Dois

A ÁRVORE DAS FADAS DE DOMRÉMY

Anossa Domrémy era como qualquer outra aldeola humilde daquela época e região longínquas – um labirinto de vielas tortas e becos sombreados, protegidos pelos telhados de colmo de casas que mais pareciam celeiros. Estas eram mal iluminadas por janelas com portadas de madeira – ou antes, buracos nas paredes que faziam as vezes de janelas. O chão era de terra batida e a mobília rareava. Criar ovelhas e vacas era a principal indústria; os mais novos cuidavam dos animais.

O lugar era lindo. De uma das extremidades da aldeia, uma planície florida estendia-se até ao rio – o Meuse; atrás, uma encosta suave de erva e, no alto, ficava a grande floresta de carvalhos – profunda, densa e sombria, cheia de interesse para nós, crianças, visto que outrora muita gente ali morrera às mãos de bandidos, e, em tempos ainda mais antigos, dragões prodigiosos que jorravam fogo e vapores venenosos pelas ventas tinham ali a sua casa. Com efeito, ainda lá vivia um. Comprido como uma árvore e tinha um corpo largo como um tonel, e escamas iguais a grandes telhas sobrepostas, e olhos rubis tão grandes como o chapéu de um cavaleiro, e um gancho na cauda tão grande como sei lá o quê, mas enorme, até para um dragão – assim diziam os que entendiam de dragões. Acreditava-se que este dragão era de uma cor azul intensa, com manchas douradas, mas ninguém o tinha visto, pelo que não era uma certeza, apenas uma opinião. Mas não a minha: penso que não faz sentido formar uma opinião quando não temos provas. Se criarmos uma pessoa sem um osso que seja, ela pode parecer bem à vista, mas há de ser frouxa e não se aguenta em pé; e eu considero que as provas são os ossos de uma opinião. Mas falarei sobre isto com

mais pormenor noutra ocasião, em que tentarei fazer com que a justeza da minha posição transpareça. Quanto ao dragão, sempre acreditei que a sua cor era dourada e sem azul, pois esta sempre foi a cor dos dragões. Que este dragão vivia no interior da floresta é demonstrado pelo facto de Pierre Morel estar lá um dia e o ter cheirado, tendo-o reconhecido pelo cheiro. Isto dá-nos uma terrível ideia de quão perto o mais mortal dos perigos pode estar sem que desconfiemos.

Nos tempos mais antigos, cem cavaleiros de muitos lugares remotos da Terra teriam lá ido, um após o outro, para matar o dragão e receber a recompensa, mas no nosso tempo esse costume estava extinto, e era o padre quem abolia os dragões. Neste caso, foi o padre Guillaume Fronte quem tratou disso. Organizou uma procissão, com velas, incenso e pendões, marchou em redor da floresta e exorcizou o dragão, o qual nunca mais se fez ouvir, embora fosse opinião de muitos que o cheiro nunca desaparecera por completo. Não que alguém tivesse voltado a sentir-lhe o cheiro, porque ninguém tinha; era apenas uma opinião, como aquela outra – e faltavam-lhe os ossos. Eu sei que a criatura estava lá antes do exorcismo, mas se estava lá depois ou não é algo do qual não posso ter a certeza.

Num nobre espaço aberto e relvado, lá no alto quando se vai para Vaucouleurs, erguia-se uma faia majestosa, com braços largos e uma grande sombra, e junto a ela existia uma nascente límpida de água fria; e nos dias de estio as crianças iam até lá – todos os verões, há mais de quinhentos anos –, iam até lá e cantavam e dançavam horas a fio à volta da árvore; refrescavam-se na nascente de vez em quando, e era muito prazeroso e agradável. Também faziam grinaldas de flores e penduravam-nas na árvore e em redor da nascente para agradar às fadas que ali viviam, porque elas gostavam, sendo pequenas criaturas inocentes, como todas as fadas são, e apreciadoras de tudo o que é delicado e bonito, como flores silvestres assim ajuntadas. E, em troca desta atenção, as fadas faziam coisas simpáticas pelas crianças, como manter a nascente sempre cheia, límpida e fresca, e afastar as serpentes e os insetos que picam; e nunca houve assim qualquer maldade entre as fadas e as crianças durante mais de quinhentos anos – a tradição dizia mil –; apenas a mais calorosa afeição e a mais perfeita confiança. Sempre que uma criança morria, as fadas choravam tanto como os amigos dessa criança, e o sinal estava lá para quem o quisesse ver: antes do amanhecer,

no dia do funeral, elas penduravam uma pequena coroa de perpétuas no lugar onde a criança costumava sentar-se debaixo da árvore. Eu sei que isto é verdade pelos meus próprios olhos, não ouvi dizer. E a razão pela qual se sabia que eram as fadas que a faziam encontrava-se na dita coroa, de flores negras de uma espécie desconhecida em toda a França.

Ora, desde tempos imemoriais, todas as crianças de Domrémy eram chamadas Filhos da Árvore, e amavam este nome, pois ele trazia consigo um privilégio místico que não era concedido a nenhuma outra criança deste mundo. E o privilégio era este: sempre que uma delas estava a morrer, acima das imagens imprecisas e disformes que vagavam na sua mente sombria, erguia-se uma visão suave e doce e bela da Árvore – se tudo estivesse bem com a sua alma. Isto era o que diziam alguns. Outros afirmavam que a visão vinha de duas maneiras: a primeira como aviso, um ou dois anos antes da morte, quando a alma era prisioneira do pecado, e então a Árvore surgia com o seu aspeto desolado e invernió – aquela alma era tomada de um medo terrível. Se o arrependimento vinha e com ele uma vida pura, a visão surgia de novo, desta feita bonita e vestida de verão; mas se tal não acontecesse com aquela alma, a visão era-lhe negada e a alma deixava esta vida ciente da sua perdição. Outros ainda referiam que a visão só vinha uma vez, e apenas para os isentos de pecado que morriam desamparados em terras distantes, ansiando lamentavelmente por uma derradeira lembrança da sua casa. E que lembrança melhor poderiam ter no coração do que a imagem da Árvore que fora o objeto do seu amor e a companheira das suas alegrias, a consoladora das pequenas aflições durante os dias divinos da sua juventude perdida?

As diversas tradições eram como eu disse, alguns acreditavam numa e outros noutra. Uma delas, eu sabia ser verdadeira – a última. Não digo nada contra as outras porque penso que eram verdadeiras, mas só sei que a última o era; e é minha convicção que, se alguém se cingir às coisas que conhece e não se preocupar com as que não pode ter a certeza, terá uma cabeça mais firme – o que só lhe pode ser vantajoso. Sei que quando os Filhos da Árvore morrem numa terra distante – se estão em paz com Deus –, voltam os olhos na direção do seu lar e, resplandecente, como através de uma fenda numa nuvem que tolda o céu, veem a doce imagem da Árvore das Fadas, envolta num sonho de luz dourada; e veem o prado florido que desce até ao rio, e às suas

narinas moribundas chega ténue e doce a fragrância das flores de casa. E então a visão dilui-se e desaparece – mas eles sabem, eles sabem! E graças ao seu rosto transfigurado, também sabemos, nós que os estamos a ver: sim, reconhecemos a mensagem e sabemos que veio do céu.

Joana e eu éramos da mesma opinião. Mas Pierre Morel e Jacques d'Arc, e muitos outros, acreditavam que a visão aparecia duas vezes – a um pecador. Com efeito, eles e muitos outros afirmavam sabê-lo. Provavelmente porque os pais sabiam e lhes tinham dito, visto que neste mundo a maioria das coisas nos chega em segunda mão.

Ora, pois o que torna muito provável a existência de duas aparições da Árvore é o seguinte facto: desde os tempos mais antigos, se alguém via um aldeão dos nossos com a cara branca como a cal e hirto com um susto medonho, era habitual sussurrar ao vizinho: «Ah, ele está em pecado e recebeu o seu aviso.» E o vizinho estremecia com tal ideia e murmurava: «Sim, pobre alma... viu a Árvore.»

Provas como estas têm o seu peso, não devem ser postas de lado com um gesto. Uma coisa apoiada pela evidência acumulada de séculos fica naturalmente cada vez mais perto de estar comprovada, e, se assim continuar, algum dia acabará por se tornar uma verdade autorizada – e a autoridade é uma rocha que permanece firme.

Na minha longa vida, vi vários casos em que a Árvore apareceu a anunciar uma morte ainda distante, mas em nenhum deles a pessoa estava em pecado. Não. A aparição nestes casos foi apenas uma graça especial: em lugar de adiar a notícia da redenção daquela alma até ao dia da morte, a aparição trouxe-a muito antes, e com ela a paz – uma paz que não poderia ser perturbada –, a paz eterna de Deus. Eu mesmo, velho e alquebrado, espero com serenidade, porque tive a visão da Árvore. Vi-a e estou tranquilo.

Sempre, desde os tempos mais remotos, quando as crianças davam as mãos, dançavam em redor da Árvore das Fadas e cantavam a canção da Árvore, a canção da *Árvore das Fadas de Bourlemont*. Cantavam ao som de uma melodia doce e pitoresca – uma melodia doce e reconfortante cujo murmúrio se manteve no meu espírito sonhador toda a vida, quando eu estava cansado e perturbado, deixando-me repousado e levando-me pela noite e pela distância, de regresso a casa. Nenhum estranho pode saber ou sentir o que essa canção tem representado, ao

longo da deriva dos séculos, para os Filhos da Árvore exilados, desabrigados e com o coração pesado, em países cujos costume e língua lhes são estranhos. Podereis pensar que essa canção é uma coisa simples, e pobre talvez, mas se tiverdes presente o que significava para nós, e o que nos trazia diante dos olhos ao flutuar através das nossas recordações, então, respeitá-la-eis. E entenderéis como a água se ajunta nos nossos olhos e turva todas as coisas, e a voz se nos quebra e nos impede de cantar as últimas linhas:

«E se no exílio um de nós estiver, ansiando desesperado por te ver, ergue-te e dá-lhe algum alento!»

E tereis presente que Joana d'Arc cantava esta canção connosco à volta da Árvore quando era criança, e sempre gostava de o fazer. E isto torna-a sagrada, tereis de o admitir:

ÁRVORE DAS FADAS DE BOURLEMONT

CANÇÃO INFANTIL

*O que manteve as tuas folhas tão verdes,
Árvore das Fadas de Bourlemont?*

*As lágrimas das crianças! Que trouxeram seu pesar,
E tu consolaste-as e animaste
Seus corações feridos, e uma lágrima roubaste
Que, curada, uma rosa fez despontar.*

*E o que te fez tão forte,
Árvore das Fadas de Bourlemont?*

*O amor das crianças! Há muito que te amam
Dez centos de anos, na verdade,
É com louvores e música que te alimentam
O teu coração rejuvenesce quando cantam –
Com mil anos de juventude!*

*Que sejas sempre verde no nosso coração,
Árvore das Fadas de Bourlemont!
E jovens sempre havemos de ser,*

*Não atendendo ao passar do tempo;
E se no exílio um de nós estiver,
Ansiando desesperado por te ver,
Ergue-te e dá-lhe algum alento!*

As fadas ainda estavam lá quando éramos crianças, mas nunca as vimos, porque, cem anos antes disso, o sacerdote de Domrémy celebrara uma cerimónia religiosa sob a *Árvore* em que as denunciara como parentes do Diabo e lhes negara a redenção; e depois ordenara-lhes que nunca mais se mostrassem, nem pendurassem mais coroas de flores, sob pena de banimento perpétuo daquela paróquia.

Todas as crianças imploraram pelo regresso das fadas e disseram que elas eram suas amigas e nunca lhes tinham feito mal, mas o padre não quis ouvir e respondeu que era pecado e uma vergonha ter tais amigos. As crianças ficaram inconsoláveis e fizeram então um acordo entre elas: continuariam a pendurar flores na *Árvore* como um sinal perpétuo para as fadas de que, embora invisíveis, elas ainda eram amadas e lembradas.

Mas certa noite, já avançada, aconteceu uma grande desgraça. A mãe de Edmond Aubrey passou pela *Árvore* e as fadas dançavam às escondidas, convencidas de que não havia ninguém por perto. Tão distraídas estavam e inebriadas de alegria, e de orvalho adoçado com mel que tinham bebido, que não deram conta de nada; como tal, a Senhora Aubrey ficou ali parada, tolhida de espanto e de admiração, e viu aquelas criaturinhas fantásticas de mãos dadas, cerca de trezentas delas, a dançar numa roda que de largo fazia metade de um quarto, com as cabeças inclinadas para trás e entretidas com risos e canções, que ela ouvia perfeitamente. Lançavam as pernas bem alto, a um palmo do chão, entregues à sua felicidade – na dança mais desvairada e enfeitada que ela alguma vez havia visto.

Mas, passado cerca de um minuto ou dois, as pobres criaturas deram com ela. Lançaram um grito estridente de mágoa e terror e fugiram cada uma para seu lado, cobrindo os olhos com as mãozinhas do tamanho de avelãs; num instante, desapareceram.

Aquela mulher sem coração – não, aquela tola; não era uma mulher sem coração, apenas lhe faltava tino – foi direita a casa e contou aos vizinhos tudo o que vira, enquanto nós, os pequenos amigos das

fadas, dormíamos e nem sequer suspeitávamos da calamidade que assim se abatia sobre nós, sem noção de que devíamos estar a pé e a tentar travar aquelas línguas fatídicas. De manhã, já todos sabiam, e o desastre foi total, visto que onde todos sabem de qualquer coisa, o padre também sabe, é claro. Corremos para casa do padre Fronte, entre choros e súplicas – e ele também chorou ao ver a nossa tristeza, pois possuía uma natureza muito gentil. Ele não queria banir as fadas, e assim o afirmou, mas disse que não tinha escolha, pois fora decretado que, se algum dia elas se fizessem ver, teriam de partir. Tudo isto aconteceu na pior ocasião possível, porque Joana d’Arc estava de cama com febre e desatinada, e o que podíamos nós fazer? Pois não tínhamos os seus dons de raciocínio e persuasão! Voámos como um enxame até à cama dela e gritámos: «Joana, acorda! Acorda, não há tempo a perder! Vem implorar pelas fadas – vem salvá-las; só tu o podes fazer!»

Mas a cabeça dela não estava ali, não percebia o que dizíamos nem o que queríamos dizer; então, fomos embora, cientes de que tudo estava perdido. Sim, tudo se perdeu, para sempre: fiéis amigas das crianças durante quinhentos anos, elas tiveram de partir e nunca mais voltar.

Foi um triste dia para nós, aquele em que o padre Fronte celebrou a cerimónia debaixo da *Árvore* e baniu as fadas. Não podíamos usar luto que pudesse ser notado, não seria permitido; como tal, tivemos de nos contentar com um pequeno trapo preto amarrado na nossa roupa onde passasse despercebido. Mas os nossos corações estavam de luto, um luto grande e nobre que os ocupava por completo, porque os nossos corações eram *nossos* – ninguém tinha como lhes chegar para impedir fosse o que fosse.

A grande *Árvore* – *Árvore das Fadas de Bourlemont* era o seu belo nome – nunca mais voltou a ser para nós o que fora outrora, mas continuámos a amá-la. É-me ainda muito querida, agora que lá vou uma vez por ano na velhice, sentar-me debaixo dela e recordar os companheiros perdidos da juventude, juntá-los à minha volta e ver aquelas caras através das lágrimas que me enchem os olhos e partem o coração. Meu Deus! Não, aquele lugar nunca voltou a ser o mesmo. Em vários aspetos, não tinha como o ser: sem a proteção das fadas, o *córrego* perdeu grande parte da sua frescura e mais de dois terços do

volume, e as serpentes e os insetos voltaram e multiplicaram-se, tornando-se um tormento que ainda hoje se mantém.

Quando a nossa sábia amiguinha Joana ficou bem é que percebemos o quanto a sua doença nos custara, pois descobrimos que a razão estava do nosso lado ao acreditar que ela poderia salvar as fadas. Ela explodiu num grande acesso de ira – enorme para tão pequena criatura – e foi direita ao padre Fronte; postou-se diante dele, fez a reverência e disse:

– As fadas teriam de se ir embora se voltassem a mostrar-se às pessoas, não é assim?

– Sim, minha querida. Foi o que aconteceu.

– Se um homem for espreitar o quarto de alguém à meia-noite, quando essa pessoa está meio despida, o senhor padre seria injusto a ponto de dizer que essa pessoa se mostrou a esse homem?

– Bem, não. – O bom padre parecia um pouco perturbado e desconfortável ao dizer isto.

– Um pecado não deixa de ser pecado, mesmo que não tenhamos intenção de o cometer?

O padre Fronte ergueu as mãos ao céu e exclamou:

– Oh, minha pobre pequena, vejo agora o meu engano. – Puxou-a para junto de si e passou-lhe um braço em volta a fim de tentar fazer as pazes com ela, mas Joana estava tão zangada que não conseguiu acalmar-se. Com a cara apertada contra o peito dele, começou a chorar e disse:

– Então, as fadas não cometeram pecado nenhum, pois não havia intenção de o cometer se não sabiam que alguém estava por perto; e como eram criaturas pequenas e não podiam falar em sua defesa e dizer que a lei era contra a intenção, não contra o ato inocente, e como não tinham nenhum amigo que pensasse algo tão simples por elas e o dissesse, foram banidas para sempre, e isso foi um erro... foi um erro fazer tal coisa!

O bom padre abraçou-a ainda mais e afirmou:

– Oh, é pela boca das crianças e dos bebês que os desatentos e insensatos são condenados; quisera Deus que eu pudesse trazer as criaturinhas de volta, por ti. E por mim; sim, por mim, porque fui injusto. Vamos, não chores, ninguém poderia estar mais triste do que este teu pobre e velho amigo. Não chores, minha querida.

– Mas eu não consigo parar de chorar, assim, de repente; tenho de chorar. E não foi coisa pouca o que o senhor padre fez. O arrependimento será penitência suficiente para tal injustiça?

O padre Fronte virou a cara, pois que teria magoado Joana se ela o visse rir, e disse:

– Oh, impiedosa mas justa acusadora; não, não é suficiente. Vou cobrir-me de cinzas e serapilheira; ficarás satisfeita?

Os soluços de Joana diminuíram; ela mirou-o através das lágrimas e respondeu, com o seu jeito simples:

– Sim, pode ser, se isso vos livrar do pecado.

O padre Fronte teria sentido nova vontade de rir, talvez, se não se lembrasse a tempo de que assumira um compromisso, e nada agradável. Tinha de ser cumprido. Assim sendo, levantou-se e, sob o olhar atento de Joana, foi até à lareira e encheu uma pá com cinzas frias. Preparava-se para as verter sobre a sua velha cabeça grisalha quando lhe ocorreu melhor ideia, ao que disse:

– Podes ajudar-me, minha querida?

– Como, senhor padre?

Ele ajoelhou-se, baixou a cabeça e pediu:

– Pega nessas cinzas e despeja-as sobre a minha cabeça.

A questão ficou por ali, como é evidente. O padre saiu vitorioso. Podemos imaginar como a ideia de tal profanação perturbaria Joana ou qualquer outra criança da aldeia. Ela correu a ajoelhar-se ao lado dele e exclamou:

– Oh, mas isto é terrível. Eu não sabia que cinzas e serapilheira queriam dizer tal coisa... por favor, levantai-vos, senhor padre.

– Mas não o posso fazer enquanto não for perdoado. Perdoas-me?

– Eu? Oh, mas não me haveis feito nada, senhor padre; sois vós quem deve perdoar-se por fazer mal àquelas pobres criaturas. Por favor, levantai-vos, senhor padre!

– Mas estou pior agora do que antes. Pensava que conseguia o teu perdão, mas se for o meu, não posso ser condescendente; não me ficaria bem. Ora, o que hei de fazer? Vê se encontras nessa tua cabecinha sábia alguma maneira de eu sair desta situação.

O padre não se mexia, por mais que Joana suplicasse. Ela estava prestes a recomeçar a chorar. Então, teve uma ideia: pegou na pá e cobriu a sua própria cabeça com as cinzas, gaguejando enquanto quase sufocava:

– Pronto, está feito. Por favor, levantai-vos, senhor padre.

O ancião, comovido e divertido, apertou-a contra o peito e disse:

– Oh, criança incomparável! Eis uma humilde expiação, que nada tem de apresentável, mas justa e verdadeira no seu espírito, isso posso assegurar.

Então, limpou-lhe as cinzas do cabelo, ajudou-a a lavar a cara e o pescoço e a pôr-se apresentável. Agora, estava animado e pronto para continuar a conversa, pelo que se sentou e a puxou novamente para o seu lado:

– Joana, estavas acostumada a deixar coroas de flores na Árvore das Fadas com as outras crianças, não é verdade?

Era assim que ele começava quando se preparava para me encurralar e apanhar nalguma coisa – nada mais do que aqueles modos gentis e indiferentes que nos enganam e nos levam à armadilha, nós sem nunca perceber para onde vamos até que a porta se fecha nas nossas costas. Ele gostava de fazer isto, e eu sabia que estava a preparar-lhe o isco. Joana respondeu:

– Sim, senhor padre.

– Penduraste-as na Árvore?

– Não, senhor padre.

– Penduraste-as lá?

– Não.

– Porque não?

– Eu... bem, eu não quis.

– Não quiseste?

– Não, senhor padre.

– O que fizeste com elas?

– Pendurei-as na igreja.

– Porque não as penduraste na Árvore?

– Porque se dizia que as fadas eram parentes do Demo e que se cometia pecado prestar-lhes homenagem.

– Acreditavas que não era correto homenageá-las dessa forma?

– Sim. Pensava que não podia estar certo.

– Então, se não era correto homenageá-las assim, e se elas eram parentes do Demo, as fadas podiam ser uma perigosa companhia para ti e para as outras crianças, não te parece?

– Imagino que sim... sim, penso que sim.

Ele parou por um minuto, ao que eu pensei que lhe ia deitar a armadilha – e assim foi. Perguntou-lhe:

– Então, estamos neste pé: elas eram criaturas banidas, de origem suspeita; podiam ser uma companhia perigosa para as crianças. Agora, apresenta-me um motivo racional, minha querida, se te ocorrer algum, para me dizeres que é um erro expulsá-las, e que as devias ter salvado. Numa palavra, que perdeste tu com isso?

Que tolíce a dele, perder assim o seu caso! Fosse ele um petiz e eu ter-lhe-ia dado nas orelhas. Estava a ir tão bem e estragou tudo ao acabar daquela maneira tonta e fatal. Perguntar-lhe o que ela tinha perdido! Será que nunca perceberia que espécie de criança era Joana d'Arc? Nunca aprenderia que as coisas que a afetavam, apenas a *ela*, não lhe importavam? Nunca entenderia o simples facto de que a melhor, ou antes, a única maneira de lhe despertar o interesse era mostrar-lhe como outra pessoa poderia ser injustiçada, ferida ou lesada? Ora, ele montara uma armadilha a si mesmo – fora tudo o que conseguira.

Mal ele disse aquelas palavras e já ela estava indignada, prestes a chorar, e lançou-se a ele com uma energia e paixão que o surpreendeu, mas não a mim, porque eu sabia que ele acabara de acender uma mecha ao concluir com uma pergunta tão infeliz.

– Oh, senhor padre, como podeis dizer tal coisa? A quem pertence a França?

– A Deus e ao rei.

– Não a Satanás?

– A Satanás, minha filha? Esta é a terra onde o Altíssimo tem os Seus pés bem assentes. Satanás não possui um punhado que seja deste chão.

– Então, quem deu um lar àquelas pobres criaturas? Foi Deus. Quem as protegeu todos estes séculos? Foi Deus. Quem lhes permitiu dançar e brincar ali todos estes séculos sem ver mal nenhum nisso? Foi Deus. Quem desaprovou a aprovação de Deus e as ameaçou? Foi um homem. Quem voltou a apanhá-las em brincadeiras inocentes que Deus permitiu e um homem proibiu, e fez valer essa ameaça, correndo com as pobres criaturas do lar que Deus lhes dera na Sua infinita piedade e misericórdia, um lugar que Ele abençoara com a Sua chuva e orvalho e sol durante quinhentos anos como penhor da

Sua paz? Era o lar delas – pela graça de Deus e do Seu bom coração, e homem nenhum tinha o direito de as privar do mesmo. E elas eram as amigas mais doces, mais verdadeiras que as crianças alguma vez tiveram, e tantos e bons serviços lhes prestaram ao longo destes cinco séculos, e nunca nenhum mal lhes fizeram; e as crianças estimavam-nas e agora choram por elas, e não há como curá-las da mágoa. E o que tinham feito as crianças para sofrer tão duro golpe? As pobres fadas poderiam ter sido perigosa companhia para as crianças? Sim, mas nunca o haviam feito, e *poderiam* não é argumento de força. Parentes do Demo? E então? Os parentes do Demo têm os seus direitos, e elas tinham-nos; e as crianças têm direitos, e estas tinham-nos; e estivesse eu presente, teria falado – suplicado pelas crianças e pelas fadas –, impedi-lo-ia, senhor padre, e salvá-las-ia a todas. Mas, agora... agora, tudo está perdido; tudo está perdido e nada há a fazer!

Então, concluiu com uma explosão perante a ideia de que as fadas parentes do Demo deviam ser evitadas, sendo-lhes negada a simpatia e amizade humana porque a salvação lhes estava interdita. Disse que, por essa razão, as pessoas deviam apiedar-se delas e torná-las o objeto de todas as coisas humanas e amorosas que lhes permitissem esquecer o duro destino que lhes fora atribuído por acaso de nascença e sem culpa própria.

– Pobres criaturinhas! – exclamou ela. – De que será feito o coração de uma pessoa que tenha pena do filho de um cristão e não de um filho do Diabo, que mil vezes mais dela precisa!

Libertara-se entretanto dos braços do padre Fronte e chorava, com os punhos cerrados sobre os olhos e a bater os pés em fúria. Saiu num repente e já se tinha ido embora antes que nos pudéssemos recompor daquela tempestade de palavras e daquele torvelinho de emoções.

O padre estava agora de pé e não parava de passar a mão pela testa, como uma pessoa atónita e sem saber o que fazer. Deu meia volta e dirigiu-se para a porta do seu pequeno quarto; ao entrar, ouvi-o murmurar, pesaroso:

– O que fui fazer; pobres crianças, pobres fadas, têm os seus direitos, e ela disse a verdade... e eu que nunca pensei nisso. Deus que me perdoe, erro meu.

Ao ouvir estas palavras, eu soube que não me enganara ao pensar que ele preparara uma armadilha para si mesmo. Armou-a e entrou nela pelo seu pé. Quase me senti encorajado e dei por mim a pensar se seria capaz, também eu, de lhe preparar uma. Pensei melhor e desisti de tal ideia – era um dom que não me cabia.